

A alteridade como um caminho de superação da violência: uma análise a partir de Emmanuel Lévinas

Otherness as a way of overcoming violence: An analysis based on Emmanuel Levinas

Lucas Santos Gomes da Silva

Graduado em Filosofia pela Faculdade Católica de Feira de Santana (FCFS) e Professor do Colégio Oásis de Jacobina

lucasprofessor16@gmail.com

<https://lattes.cnpq.br/6675486947839048>

Resumo

O propósito deste texto é explorar a questão da alteridade como um caminho para superar a violência, utilizando como base o pensamento de Emmanuel Lévinas. O autor possui um grande acervo de obras, como também de comentadores. Inicialmente, investiga-se a alteridade, posteriormente, o conceito de violência para o filósofo e logo após, procura-se estabelecer uma conexão entre a alteridade e a violência na contemporaneidade. Deste modo, utilizar-se-á do método de investigação para a solução de um “problema”, através de hipóteses, conjunturas e teorias. Assim, busca-se reflexões que sirvam para o desenvolvimento do conhecimento social e acadêmico. Este trabalho mostrou o quanto a alteridade é importante para combater a violência, é por meio da ética que se organiza a sociedade e conseqüentemente as pessoas. De fato, o momento atual não se pratica tanto a alteridade, por isso, a importância de uma reflexão profunda sobre responsabilidade que cada um tem para com o Outro.

Palavras-chave: Emmanuel Lévinas. Alteridade. Violência. Filosofia.

Abstract

The purpose of this text is to explore the issue of otherness as a way to overcome violence, using Emmanuel Lévinas's thinking as a basis. The author has a large collection of works, as well as commentators. Initially, alterity is investigated, later, the concept of violence for the philosopher and soon after, an attempt is made to establish a connection between alterity and violence in contemporary times. In this way, the research method



will be used to solve a “problem”, through hypotheses, conjunctures and theories. Thus, reflections that serve for the development of social and academic knowledge are sought. This work showed how important otherness is to combat violence, it is through ethics that society and consequently people are organized. In fact, nowadays alterity is not practiced so much, hence the importance of a deep reflection on the responsibility that each one has towards the Other.

Keywords: Emmanuel Levinas. Alterity. Violence. Philosophy.

1 Introdução

O presente trabalho tem como proposta trabalhar a alteridade como um caminho para superação da violência tendo por fundamento a filosofia de Emmanuel Lévinas. Procura-se analisar as contribuições do mesmo para sanar o problema da violência. Entretanto, faz-se necessário compreender a figura desse filósofo. Um Lituano que nasceu em 12 de janeiro de 1906, radicado na França, iniciou sua vida acadêmica com base judaica tradicional. Na primeira guerra mundial (1914-1918), sua família emigra para Ucrânia onde vivencia aos 12 anos de idade a Revolução Bolchevista¹. Entre os anos de 1923-1929, frequentou a Universidade de Friburgo em Breisgau (Alemanha) lá, ele pode assistir as últimas aulas de Edmund Husserl²: no mesmo local ele se encontra por acaso com Heidegger. Lévinas ficou encantado com as conferências de Heidegger.

No ano de 1930, mesmo ano que ele foi naturalizado francês, publica a sua tese de doutorado *La theorie de L'intuition da la phénoménologie de Husserl* (Teoria da intuição na fenomenologia de Husserl). O contato com esse livro despertou uma grande curiosidade em Sartre³, além do pressuposto⁴. Em 1940, foi preso com seus companheiros até 1945 em Oflag (campo de oficiais presos, na Alemanha). A principal obra desse autor do século XX é *Totalidade et infini* (totalidade e infinito). Em 25 de Dezembro de 1995, com 89 anos, morre Emmanuel Lévinas em Paris.

Em sua filosofia, Lévinas não tem como centro a ontologia ou uma metafísica, mas, ele parte sempre de uma relação de proximidade e respeito, gerando uma nova ética, sendo assim, a partir dessa área de estudo, nasce a alteridade. Para Lévinas, se dá pelo relacionamento que possuímos com o Outro, pois, é necessário que o “Outro” continue sendo sempre o “Outro”. Daí percebe-se a importância do tema proposto neste texto, pois entendendo a alteridade como esse

¹ “Na minha infância, nutri-me com a cultura russa, mas também estive próximo dos textos bíblicos. Li bastante cedo a Bíblia em hebraico. Lia também Dostoievski. Vivi por muito tempo na Ucrânia, em Kharkov. Era criança, tinha doze anos durante a Revolução russa, e vi esse acontecimento enorme, dramático, através de aspectos muito corriqueiros”.

² Foi um filósofo e matemático alemão fundador da fenomenologia. Seu pensamento influenciou muito o cenário intelectual do século XX e XXI.

³ Jean-Paul Charles Aymard Sartre, foi um filósofo, escritor e crítico francês, representante do existencialismo.

⁴ “*Coup de coeur*” (Amor à primeira vista) escreve Simone de Beauvoir em *La force de l'âge*, Gallimard, 1960, p.157.



caminho que leva a responsabilidade pelo “Outro”, se poderá compreender o porquê de tamanha violência em nossa sociedade vigente. Será consolidada com o Outro, não o *outro* que é igual ao Eu, pelo contrário, o outro é totalmente diferente do “eu”, o “Outro” é Outrem, pois vai além de qualquer tipo de compreensão e totalização; não é um conteúdo ou objeto para significação, pois o “Outro” excede qualquer tipo de dominação egoísta: ele sempre escapa a definição nomeada de alteridade. Sendo assim, qual a contribuição que Lévinas dá para uma possível superação da violência?

O presente trabalho, que explora a relação entre Alteridade e a superação da violência com base no pensamento de Emmanuel Lévinas, destaca-se pela extensa fonte de referências disponíveis. Inicialmente, concentra-se na compreensão da alteridade e no conceito de violência na filosofia de Lévinas, buscando estabelecer uma conexão contemporânea entre ambos. O estudo enfatiza a importância da ética na organização social e no relacionamento humano, especialmente em um contexto atual onde a Alteridade muitas vezes é negligenciada. Portanto, esta pesquisa proporciona uma reflexão essencial sobre a responsabilidade de cada indivíduo para com o Outro.

Este trabalho possui um caráter muito particular, afinal, procura-se trabalhar a contribuição que Lévinas oferece para uma possível solução no combate a violência. Tem-se como objetivos específicos em Emmanuel Lévinas: descrever a alteridade; apresentar o conceito de Violência e estabelecer uma conexão entre a Alteridade e a violência na contemporaneidade. Assim, busca-se reflexões que sirvam na contribuição para o desenvolvimento do conhecimento acadêmico e social.

2 A problemática da alteridade em Emmanuel Lévinas

2.1 Emmanuel Lévinas: explorando a alteridade além das fronteiras filosóficas

Emmanuel Lévinas é um filósofo que se baseia na tradição da filosofia judaica, mas não se limita a ela. Ele dialoga com diversos outros filósofos, como Platão, Descartes, Heidegger, Kant, e Martin Buber, buscando estabelecer um diálogo intercultural e inter-religioso que possa enriquecendo assim sua filosofia. Dessa forma, Lévinas busca transcender as fronteiras culturais e religiosas, promovendo um diálogo que possa contribuir para a promoção da ética e da justiça. Percebe-se que Lévinas recebeu contribuições em diversos campos, entretanto, com Husserl que ele descobriu “o sentido concreto da própria possibilidade de trabalhar com a Filosofia” (LÉVINAS, 1988, p. 22). A sua filosofia se destaca nas relações humanas, sendo que é pelo encontro, que se trabalha essa humanidade.



O estudo fenomenológico proposto por Lévinas tem como base as ideias de Husserl, considerado o fundador do pensamento fenomenológico. A fenomenologia husserliana é composta por quatro perspectivas principais

1º O reconhecimento do caráter intencional da consciência, em virtude do qual a consciência é um movimento de transcendência em direção ao objeto e o objeto se dá ou se apresenta à consciência ‘em carne e osso’ ou ‘pessoalmente’; 2º evidência da visão (intuição) do objeto devida à presença efetiva do objeto; 3º generalização da noção de objeto, que compreende não somente as coisas materiais, mas também as formas de categorias, as essências e os ‘objetos ideais’ em geral; 4º caráter privilegiado da percepção ‘imanente’, ou seja, da consciência que o eu tem da suas próprias experiências, porquanto nessa percepção aparecer e ser, coincidem perfeitamente, ao passo que não coincidem na intuição do objeto externo, que nunca se identifica com as aparições à consciência, mas permanece além delas (ABBAGNANO, 2007, p.438).

A fenomenologia de Husserl se dá na relação com as coisas, pois é responsável pelo ato de objetivação. O objeto só tem sentido na relação com o sentido da parte da consciência que o sujeito possui: “O acesso ao objeto faz parte do ser do objeto” (LÉVINAS, 1997, p.140). Existe uma intencionalidade com as coisas que são vistas na relação com o ser externo, contudo, o sujeito não é constitutivo na relação com o “Outro”. A Alteridade não é significativa para o sujeito; pelo fato de que o “Eu” permanece o centro na relação com o outro” (KESTERING, 2008, p.48). Lévinas tem como o fundamento para sua linha de pensamento a alteridade, que para ele é a base da fenomenologia, direcionando assim toda a sua reflexão sobre as relações humanas.

2.2 Crítica de Emmanuel Lévinas a ontologia no ocidente

Emmanuel Lévinas viveu as vicissitudes da Segunda Guerra Mundial (1939- 1945), período que ele fundamentou todo o seu pensamento. Nesta época, a Europa vivia momentos difíceis, pois estava enfrentando o Pós-guerra, tentando reestruturar a sociedade, passando por uma grande crise econômica e humanitária. Dentre todas as dificuldades da época, para Lévinas a mais difícil de ser “superada” foi o campo de concentração, um dos instrumentos do holocausto humano.

Lévinas, incomodado com a enorme falta de humanidade, busca compreender e encontrar respostas dentro da perspectiva ocidental para os grandes atos de violência tão assustador para com o seu povo. Regimes totalitários, como o nazismo, que se baseiam em ideologias equivocadas, culminam em tragédias, massacres, violência e desumanidade. Para o filósofo lituano, a guerra representa a maior demonstração de ausência de prática da alteridade. Lima Vaz comenta:



E há um paradoxo profundo no fato de que a filosofia do *logos* tenha sido a filosofia da anulação do *outro*. Na verdade, a mais alta realização dessa filosofia, ou seja, o platonismo, encontrou seu método e sua expressão precisamente no *diálogo*. Mas, o que é significativo no diálogo platônico, como encontro das almas e sua salvação pela filosofia. [...] Assim, o diálogo platônico leva os interlocutores a se reconhecerem, definitivamente, somente no plano em que o *outro*, como *eu* mesmo, converge na impessoalidade do *logos* (VAZ, 2002, p.232).

Desta forma, vê-se que há uma preocupação para com o Ser pois, “a filosofia ocidental foi, na maioria das vezes, uma ontologia: uma redução do “Outro” ao “Mesmo”, pela intervenção de um termo médio e neutro que assegura a inteligência do Ser,” ou seja, uma tentativa de reduzir o “Outro” a um conceito, tornando-se uma violência para com o Outro. Outrossim, Lévinas procurou desconstruir esses argumentos filosóficos, pois os ocidentais fundam-se na égide, gerando um problema para o cume da alteridade.

2.3 O conceito de alteridade no pensamento de Emmanuel Lévinas

Para entender a alteridade, faz-se necessário por primeiro compreender a etimologia Alteridade, para depois trazer a compreensão no pensamento de Lévinas. Com efeito, alteridade vem do latim *alteritas*, o radical *alter* significa “outro”, enquanto *itas* remete a “Ser”, ou seja, em sentido literal, alteridade significa “ser o outro”. Para Lévinas, “a Alteridade é uma abertura que existe sempre como relação com o outro. A relação me constitui sujeito e na relação me constituo como sujeito” (RUIZ, 2010, n.p). Lévinas propõe essa relação da alteridade com uma nova ética.

O pensamento de Emmanuel Lévinas é construído por meio da Ética da Alteridade, pois perpassa sempre pela relação entre às pessoas. A partir desta confirmação, o autor, faz uma reflexão do modo como as pessoas se impõem em algumas situações da vida. Lévinas viveu todo o contexto da Segunda Guerra Mundial, com isso, o seu pensamento se estabelece numa visão centralizada na relação com o Outro. Lévinas, assim, deixa de lado uma visão imposta somente no “Eu”, para uma visão mais no “nós”, estabelecendo um olhar humanizador nas relações.

A alteridade, conceito chave em Lévinas, também se define como ética, já que a ética não é um conjunto de códigos morais, mais uma relação que gera “responsabilidade para com o Outro, não indiferença, sabedoria do serviço do amor” (KESTERING, 2008, p.57).

A compreensão do Outro em Lévinas exige que o Outro continue sendo sempre o Outro e não “Outro eu”. O Outro como alteridade não pode ser conceituado, mas permanece concreto. [...] O Outro é o absolutamente outro – Outrem. O Outro não é absolutamente a minha representação; é o caminho do infinito que, essencialmente, me escapa (MARTINS; LEPARGNEUR, 2014, p. 6).



Ao apresentar uma definição de alteridade, Lévinas coloca no campo de discussão a relação com o outro como fundamento primeiro do seu pensamento. É o encontro do Eu com o Outro, tornando-se uma ética de relação que é o princípio da alteridade em Lévinas. Só se pode praticar a ética se existir o “Outro”, na originalidade de cada encontro, pois ao reencontrar com o Outro se terá uma nova originalidade, fazendo com que o “eu” tenha uma responsabilidade para com o “Outro”, que é um Ser ético. Alteridade sendo relação, é sempre o encontro com o Outro:

A alteridade, a heterogeneidade radical do Outro, só é possível se o Outro é realmente outro em relação a um termo cuja essência é permanecer no ponto de partida, servir de entrada na relação, ser o Mesmo não relativa, mas absolutamente. Um termo só pode permanecer absolutamente no ponto de partida da relação como Eu (LÉVINAS, *s/d*, p.24).

Toda filosofia levinasiana se desenvolve no campo da ética, procurando uma tentativa de descentralizar o “Eu”, existindo uma centralização no “Outro”. Destarte, o outro me escapa, ou seja, não se poderá dominar completamente às pessoas. Entretanto, “não se trata de pensar conjuntamente o ‘Eu’ e o outro, mas uma junção de frente a frente” (LÉVINAS, 2008, p.69).

2.4 A emergência de uma filosofia da alteridade

Na obra *Totalidade e Infinito*, encontra-se os conceitos mais importantes do pensamento levinasiano, um deles trabalhado neste artigo, denomina-se, alteridade. Lévinas propõe uma filosofia fundamentada em uma relação ética que está a todo tempo a questionar o ser metafísico, dotado de saber. Essa relação com o Outro não pode ser findada:

A alteridade, a heterogeneidade radical do Outro, só é possível se o Outro é realmente outro em relação a um termo cuja essência é permanecer no ponto de partida, servir de entrada na relação, Ser o Mesmo não relativa, mas absolutamente. Um termo só pode permanecer absolutamente no ponto de partida da relação com o Eu (LÉVINAS, *s/d*, p.24).

O autor traz três termos, o “Eu”, o “Outro” e o “Ser”. Todavia, o Ser está em uma relação determinada no mundo, sendo a exterioridade na relação, o Outro. Lévinas define:

Ser eu é além de toda a individualização que se pode ter de um sistema de referências, possuir identidade como conteúdo. O Eu consiste em identificar-se, em reencontrar a sua identidade através de tudo que lhe acontece. É a identidade por excelência, a obra original da identificação (LÉVINAS, *s/d*, p.24).

O filósofo propõe a identidade como um meio do Ser permanecer sendo o mesmo, ou seja, será sempre único, mesmo que haja mudanças no comportamento com as pessoas. Lévinas acredita



que a conceituação do “Ser” se dá como um “Eu penso”, ainda que apesar de suas relações com o Outro, o Eu “pensa para si” (LÉVINAS, p.24). Quando de fato existe uma alteridade, esse “pensar” se torna um pensar para o “Outro”.

Lévinas apresenta um Eu que possui uma identidade, algo que está intrinsecamente ligado ao meu Ser e não pode se separar de si mesmo, o que pode criar uma grande dificuldade e barreira na relação com o "Outro". Afinal, “o homem é o único ser que não posso encontrar sem lhe exprimir esse encontro com o mesmo” (LÉVINAS, 1997, p. 28). Se o Eu não se separa, pode se tornar egoísta, acreditando que é único, e que seria portanto, o grande criador do mundo, ou até mesmo em sua superioridade em relação ao outro, que é visto neste caso como o "Mesmo".

O pensamento da alteridade proposto por Lévinas, se faz necessário porque ajuda as pessoas a compreenderem que a ética não pode ser reduzida a uma simples relação entre indivíduos, “desde toda a eternidade um homem responde por um outro. De único a único” (LÉVINAS, 2005, p. 291). Mas deve ser entendida como uma responsabilidade pelo outro, que é essencial para a existência dessa filosofia primeira. Sendo assim, a alteridade gera uma obrigação a reconhecer que o outro é diferente de nós, e que a sua existência e dignidade devem ser respeitadas. Isso significa que a ética não pode ser baseada em nossas próprias necessidades e interesses, mas deve ser orientada para o outro, para a sua felicidade e bem estar.

O pensamento da alteridade desempenha um papel crucial na nossa evolução como sociedade. Ao nos encorajar a olhar além do nosso egoísmo e individualismo, ele nos permite abraçar a perspectiva de que somos interdependentes, inseridos em uma comunidade maior. Nesse contexto, a solidariedade e a empatia emergem como forças unificadoras, moldando uma sociedade mais justa e compassiva. A capacidade de reconhecer e atender às necessidades dos outros fortalece os laços sociais e cria um ambiente em que cada indivíduo se sente valorizado e apoiado. À medida que nos distanciamos da visão estreita do "eu" e abraçamos a noção de "nós", abrimos caminho para a construção de um mundo verdadeiramente humano, onde a cooperação, o amor e a generosidade, conduzem o nosso progresso coletivo social. Portanto, cultivar o pensamento da alteridade não é apenas um ideal, mas uma prática essencial para moldar um futuro mais brilhante e inclusivo para todos, “sem dúvida, o nome grave do que se chama amor do próximo” (LÉVINAS, 2005, p. 143).

3 A problemática da violência em Emmanuel Lévinas



Toda e qualquer negação da alteridade, de acordo com Lévinas, se constitui como violência. Rejeitar a alteridade é negar o outro em sua integralidade e humanidade, tratando-o como um produto ou descartável. Isso significa que a violência não se restringe apenas a atos físicos, mas também a atitudes e comportamentos que objetivam anular o outro, reduzindo-o a um mero meio ou instrumento. A violência ocorre quando não reconhecemos a dignidade e os direitos do outro, quando não se abre para uma experiência ou compreender suas perspectivas, será sempre “originalmente justificada como defesa do outro” (LÉVINAS, 2014, p. 30).

A alteridade é a base do encontro genuíno com o outro. Ela implica em reconhecer que o outro é diferente de mim, com suas próprias histórias, culturas e perspectivas. Negar a alteridade implica em negar a singularidade e a humanidade do outro, pois, “o homem é em si mesmo uma relação, relação de desigualdade; é receptividade e sujeição, traz em si a marca da alteridade” (CHALIER, 1993, p. 345), não se pode tratá-lo como um objeto a ser controlado ou manipulado. Isso leva as relações desumanas de dominação, opressão e exploração, em que o outro é subjugado e reduzido a um papel secundário. Essa negação abre espaço para a perpetuação de relações injustas, em que a liberdade e a dignidade do outro são sistematicamente violadas.

A violência ocorre quando não reconhecemos a alteridade do outro, quando buscamos impor nossa própria visão de mundo, sem levar em conta suas perspectivas e experiências. Essa negação da alteridade viola a integridade do outro, restringindo sua liberdade e perpetuando relações injustas e assim, “comete a seu respeito uma violência” (LÉVINAS, 2005, p. 31). É por isso que a ética da alteridade proposta por Lévinas é tão importante, pois ela ajuda a reconhecer a dignidade e a singularidade da outra pessoa, promovendo relações justas e solidárias, baseadas no respeito mútuo e na abertura para o diferente,

3.1 O empecilho da violência em Emanuel Lévinas

A violência é uma realidade que sempre estará presente nos relacionamentos entre as pessoas, atingindo direta ou indiretamente o ser humano, independente de sua cor, raça, sexo, condições sociais e financeira. Outrossim, a violência não ficou apenas no verbalizar, mas torna em nossas sociedades contemporâneas um caso até mesmo moral. Violência vem do latim, *violentia*, “a violência é um ímpeto, uma agressão, transgressão” (CEGALLA, 2005).

A sociedade contemporânea, faz com que haja uma generalização com esse termo, violência, no entanto, Lévinas, apropria-se desse termo, pois sentiu na própria pele um ato covarde de violência, vivido em um campo de concentração. Logo, Lévinas constata que a violência é sempre



uma consequência do ontologismo, algo que vai contra todo o respeito a vida, a dignidade da pessoa humana:

Toda ontologia provoca um tipo de violência sobre o Outro. Transgredir a alteridade humana como critério ético significa entrar no campo da violência. O Outro, quando reduzido a conceito, perde a capacidade de mostrar-se na singularidade do seu próprio rosto. É a percepção do Outro a partir do Eu. Uma vez reduzido a conceito, fica fácil intervir sobre o Outro de forma útil, instrumental e violenta. A superação da violência se dá somente com o Eu colocando-se a serviço do Outro. Esse colocar-se do eu a serviço do Outro, como responsabilidade pelo Outro, parte do “des-inter-esse” pelo ser entendido como si mesmo. A expressão “desinteresse” quer dizer o “não interesse do eu pela reciprocidade d outro”. Gratuidade (MARTINS, 2014, p. 9)

Desta forma, a violência é um ato desumano, ferindo o outro e o próprio eu. Vimos no capítulo anterior que a alteridade é justamente o fato da pessoa humana continuar sendo outra, e para que ela possa ser outra com todos os direitos e deveres, se faz necessário que haja uma relação, um diálogo, uma convivência. Porém, sempre haverá discussões pelo fato de existir proximidade com o Outro; muitas vezes, a violência não é apenas verbal, e sim em uma violência física. Sabendo-se que existem diversas formas de se provocar uma violência, nos deteremos em algumas formas que a violência se apresenta na relação do Eu para com o Outro.

A vida de Lévinas foi marcada por uma profunda violência, que é caracterizada por dor e sofrimento como vimos acima, uma violência que reduz o humano como a um conceito, um objeto. A dor é causada por qual situação? Independente da aflição que a pessoa experimente, gera-se uma violência com o Eu que sou responsável pelo “Outro”. O filósofo Viktor Emil Frankl, contemporâneo de Lévinas, também ficou preso em um campo de concentração, e asseverou:

Quando o homem descobre que seu destino lhe reservou um sofrimento, tem que ver nesse sofrimento também uma tarefa sua única e original. Mesmo diante do sofrimento, a pessoa precisa conquistar a consciência de que ela é a única e exclusiva em todo o cosmo dentro deste destino sofrido. Ninguém pode assumir dela o destino, e ninguém pode substituir dela o sofrimento (FRANKL, 2014, p.102).

Ao se tratar com a violência, é indubitável não se tocar no sofrimento causado por tal ato. Todo ato violento é uma forma de matar o Outro, retirar a vida do Outro que o Eu é responsável. Não se trata apenas de cumprir atos morais, trata-se de exercer na humanidade um ato também ético.

3.2 A guerra: expressão máxima da negação da alteridade



Como já fora apresentado, Lévinas viveu a Segunda Guerra Mundial. Ele experimentou na própria carne o sofrimento humano. Conseguindo sobreviver a um campo de concentração, e presenciando todo tipo de violência que o ser humano pode fazer com o Outro, considerado o maior ato de violência que a humanidade já pode presenciar. Sendo assim, ele não pode fazer muito para ajudar as pessoas daquele lugar, mas ele pode ajudar a muitos outros para que tomassem consciência de tamanha barbárie ocorrida.

Desta forma, Lévinas acredita que “a guerra é uma extensão, no plano da intersubjetividade, da luta darwiniana pela existência” (BURGGRAEVE, 2002, p. 65). Sem dúvida, a guerra é uma grandeza quantitativa, ou seja, uma violência em massa. Inúmeras atrocidades ocorreram durante a Segunda Guerra Mundial, e essa extrema brutalidade deu origem a um conflito de forças antagônicas, resultando em uma violência em larga escala. Cada indivíduo acabou avaliando a medida da força do outro em meio a esse contexto.

A violência é um ato de ódio, sempre terá o objetivo de acometer o Outro, se ver como um inimigo. Em alguns casos essa percepção de que o Outro é um “inimigo”, muitas vezes nem é real, em alguns casos se dá pela imaginação. Porém, como fora colocado, existiu no holocausto inúmeras formas de exercer a violência. Foram vítimas as mulheres, negros, crianças e idosos, a perseguição aos judeus, tornando-se como disse Hannah Arendt “um inferno terreno” (1993, p.70) para os prisioneiros no campo de concentração. A filósofa ainda nos fala que:

Os campos são um laboratório vivo que revelam que tudo é possível, que os humanos podem criar e habitar um mundo onde as distinções entre vida e morte, verdade e falsidade, aparência e realidade, corpo e alma, e até vítimas e algoz são constantemente confundidas (...) os campos se apresentam, primeiro, a morte jurídica; depois a destruição moral e finalmente que a individualidade do ser tem de ser esmagada (BENHABIB, 1996, p.65).

De fato, a realidade que vimos sobre os campos de concentração foi uma violência em massa; não se tendo nenhum respeito para com o Outro. A morte se tornou uma realidade palpável, pois as pessoas tornaram-se objetos de experiências. Neste contexto, as mulheres, elas eram utilizadas como objeto de uso descartável, independentemente da idade. A ideologia nazista não as poupou retirando delas até mesmo a moralidade e todas as qualidades da pessoa humana para depois de serem maltratada fisicamente e psicologicamente, e finalmente, mortas.

Sendo assim, a violência dentro dessa realidade de guerra foi a extrema tentativa de exterminar o outro com o objetivo, controlar os inimigos do estado (homossexuais, judeus,



comunistas, ciganos, testemunhas de Jeová), que resultaria na supremacia da raça ariana, proposta por Adolf Hitler.

3.3 Violência do rosto em Emmanuel Lévinas

Na guerra, o outro resiste à morte e impõe sua alteridade de forma irreduzível. O confronto entre às pessoas se torna direto e revela a singularidade e a humanidade do outro, que não pode ser reduzido a um objeto a ser destruído. “O rosto do próximo como portador de uma ordem que impõe ao eu, diante do outro, uma responsabilidade” (LÉVINAS, 2014, p. 28) em sua expressão única e insubstituível, se torna um desafio à violência que busca anulá-lo. Mesmo diante da ameaça iminente da morte, a alteridade do outro permanece presente, exigindo um reconhecimento ético que vá além das diferenças políticas ou culturais.

A violência inerente à guerra não apaga a singularidade do indivíduo, mas sim a destaca ainda mais. O ato de resistir à morte de outro durante o conflito representa um apelo para reconhecer sua humanidade e assumir a responsabilidade perante sua fragilidade. Não é possível negligenciar a alteridade do outro enquanto ele luta por sua sobrevivência, pois isso implicaria na negação de sua dignidade como pessoa e a sua singularidade. O semblante único e irreplicável do outro serve como constante lembrete de que a violência nunca pode ser a solução para os desentendimentos, ao invés disso, é o respeito mútuo e a busca por uma coexistência pacífica, fundamentada a ética na alteridade. É singular fazer memória a sua identidade, o rosto. O rosto tem o seu papel fundamental, é o seu marco, cada um possui um rosto, um sinal que diferencia o Outro do Eu. Por isso que quando se fala de rosto se refere ao encontro que se apresenta com a face, o semblante que o outro possui que não me pertence, se apresenta como infinito. É o pensamento externo, do diferente, ele ultrapassa as barreiras mentais que existem e ultrapassam a si mesmo: esse é o diálogo que se dá pela ética, por meio da alteridade.

Em sua entrevista sobre a violência do rosto, que foi posteriormente transformada em um pequeno livro com o mesmo título (*violência do rosto*, 2014), Lévinas aborda temas relacionados ao Ser, ao sentido que cada indivíduo tem em sua individualidade e à concretude das relações humanas. Tendo o rosto e a violência como temas centrais. Por isso, é necessário compreender o rosto para compreender a fundamentação da violência na perspectiva levinasiana.

O rosto é o modo de como se apresenta o Outro, vive biblicamente “no pobre, no estrangeiro, na viúva e no órfão” possui um valor ético explícito, aliás representa a estrutura de toda eticidade possível: “a epifania do rosto é ética”. Pondo-se além além de qualquer totalidade imanente, o rosto reclama o infinito, ou melhor



representa a maneira como a infinidade do infinito nos vem ao encontro e revela-se como tal (ABBAGNANO, 2007, p.438).

No entanto, para Lévinas, o rosto transcende todo o contexto e dita a relação: é pelo rosto que as pessoas se diferenciam. Ainda nessa perspectiva, a entrevista aborda um aspecto interessante, que são as teorias que não saltam para além do Ser e da história, trazendo um sentido limitado somente à essência. Lévinas não acredita em uma filosofia que esteja limitada a progressos, nem na história; ele acredita que esses movimentos não definem o ser humano, mas a vocação que cada ser humano possui à santidade; ou seja, é um valor universal e justamente por ser universal torna-se essencialmente o aspecto principal de todos serem seres humanos.

Após entender o significado do rosto, destaco um outro elemento fundamental: Lévinas traz a filosofia como aquela que não vai para além do Ser e da transcendência, que gera o niilismo. Ele não tem a pretensão de ser o único filósofo de toda história, mas ele acredita que essa filosofia gera a responsabilidade e a inteligibilidade que faz memória ao sentido do ser ligado a ética. O rosto sempre irá exigir saber e justiça, o conhecimento e a santidade. Desta forma, o rosto sempre será uma ruptura, gerando a violência para alguém pelo fato de ser uma imposição.

A agressão presente no semblante representa a negação da alteridade, entretanto, o encontro com o rosto desperta em nós a consciência da responsabilidade ética inescapável. O semblante do outro nos convoca a superar o isolamento egocêntrico e a reconhecer nossa humanidade compartilhada, abrindo caminho para uma ética enraizada em cuidado, compaixão e justiça. De acordo com Emmanuel Lévinas, o rosto se torna uma manifestação poderosa da nossa habilidade em engajar de forma autêntica e responsável com o Outro. A questão da violência entendida como negação da alteridade provoca a uma consciência moral, convocando-nos a agir em defesa da alteridade, buscando soluções não violentas e promovendo uma cultura de paz e respeito mútuo. Portanto, a ética da alteridade nos convida a reconhecer o valor intrínseco do outro e a agir em solidariedade com sua humanidade que me afeta.

4 A ética da alteridade a superação da violência

4.1 A ética como emergência do pensar a partir da alteridade

Aceitar a singularidade e humanidade das outras pessoas, mostra-se como um pilar central da ética, transcendendo mera abstração para se manifestar como uma conexão concreta com o próximo. É imperativo expandir nossas visões pessoais, abraçando a individualidade singular do outro. A ética da alteridade impulsiona relações autênticas e responsáveis, onde reconhecemos a



humanidade e o valor intrínseco da pessoa humana. Isso requer disposição para ouvir e entender a perspectiva alheia, mesmo quando isso envolve abandonar crenças e preconceitos pessoais. Somente ao abraçar verdadeiramente a alteridade, conseguimos edificar uma sociedade mais compassiva e justa. A necessidade de alteridade, que deve ser presente em relação ao Outro descrita por Lévinas é uma dimensão pautada na ética. Para este pensador “a ética é a filosofia primeira. A ética por ser relação, antecede a ontologia. Na relação com o infinitamente Outro-Outrem. [...] O Outro é a razão que fundamenta o Eu” (MARTINS, 2014, p.8). A ética como vimos anteriormente, é a filosofia primeira. Os outros pensadores não tinham percebido nessa possibilidade da ética ser a filosofia primeira, porém, com todo o contexto vivido por ele, percebe que é a ética o fundamento das relações. A relação é puramente intersubjetiva, onde se pode exercer essa ética por meio da alteridade. Pode-se afirmar que:

A relação de alteridade é já um estatuto ético, (...), a ética da alteridade se estrutura numa relação entre Eu, o Outro e o terceiro excluído (subjetividade). (...) Nesta relação interpessoal, o Outro não está sobre meu poder, Eu não posso comandar o Outro porque não é minha propriedade e nem um objeto. Ele é quem comanda, ele não é propriedade minha, mas o próximo, meu mestre, que me apela à máxima diferença de não matar; o próximo para o qual tiro da boca o único pedaço de pão para saciar a sua fome (MELO, 2003, p. 204).

A alteridade é, por si só, uma prática ética que se entende como uma forma interpretativa voltada para o Outro. Por isso implica em reconhecer o Outro como diferente de si mesmo, como uma pessoa com suas próprias necessidades, desejos e perspectivas. Essa prática ética pode ser vista como uma postura de abertura e acolhimento ao outro, permitindo que se estabeleça uma relação de respeito e diálogo.

4.2 A responsabilidade para com o Outro

A responsabilidade para com o a outra pessoa é um tema importante para Emmanuel Lévinas, por isso, faz-se necessário fazer uma hermenêutica dos temas abordado, levando em consideração que “A responsabilidade antecede a liberdade. Com efeito, critério decisivo é o Outro que antecede o Eu. A liberdade do Eu esbarra na responsabilidade pelo Outro que se me impõe” (MARTINS, 2014, p.8). Daí, percebemos que para existir a responsabilidade, é necessário a relação com o Outro, a partir do momento que o Outro me olha, mesmo que não tenha havido nem um diálogo; existe aí uma responsabilidade que se dá face a face, decorrente a uma alteridade que impõe um respeito.



Em uma ampla perspectiva, apresenta-se a segunda hermenêutica sobre o conceito de Mesmo. Para Lévinas, “o mesmo seria “o Mesmo de mim Mesmo” [...] É a redução do Outro ao Mesmo expressa na totalidade, no domínio e na violência. O Outro não é minha representação” (MARTINS, 2014, p.6). Esse processo humano para Lévinas nunca estará plenamente esgotado, e a discussão, do modo de como o ser humano compreenda e obtenha esse conhecimento, será muito complicado. Não se tem a possibilidade de que todos percebam essa questão, o Outro continuará sendo Outro e não uma extensão de mim mesmo.

Tratando-se da responsabilidade que o Eu possui para com o Mesmo, vemos que é notório, na contemporaneidade, que essa questão seja tratado drasticamente ao inverso do que Lévinas propôs. Ele quer uma responsabilidade para com o Mesmo, pautada na Alteridade. Enfatizando que a sociedade está vivendo um processo de exclusão, de egoísmo e egocentrismo, fazendo do Outro um objeto para se manipular. Contudo, essa filosofia possui uma concepção cartesiana em que o sujeito, “eu”, foi identificado como uma categoria fundamental, ou seja, é indispensável a relação, pois ninguém consegue viver sem o Outro.

Tendo vivido e experimentado na pele toda a dor causada pela guerra e pelo Nazismo, Emmanuel Lévinas faz uma experiência profunda com as relações humanas. Afirmando que a responsabilidade não é recíproca, ou seja, a responsabilidade que o “Eu” tem para com o outro não quer dizer que ele necessariamente é responsável pelo “eu”. Lévinas acredita que é a responsabilidade pelo Outro que me leva a Deus: é na relação que possuo com o Rosto do Outro, possuindo essa Alteridade, que o “Eu” chegará à Transcendência.

Em suma, a alteridade nos coloca diante de uma responsabilidade infinita que eu tenho para com o outro, transcendendo os nossos próprios interesses e nos convoca a responder às necessidades e demandas do outro. Já a ética se manifesta no cuidado, na compaixão, no respeito ao outro como um ser humano único e irreduzível. Essa perspectiva desafia toda a humanidade a romper com a indiferença e a objetificação do outro, reconhecendo sua dignidade e buscando estabelecer relações de justiça e igualdade.

A questão da alteridade se revela como a essência da ética levinasiana, convidando-nos a agir em prol do bem comum, e a cultivar uma postura de abertura, acolhimento e responsabilidade diante da alteridade. Portanto, a ética da alteridade representa uma oportunidade para transformar a maneira como nos relacionamos com o mundo e com os outros, promovendo uma cultura de paz e respeito mútuo. A alteridade é um convite para uma transcendência a nós mesmos, reconhecendo a humanidade compartilhada e agindo em solidariedade para com o outro.



5 Considerações finais

Durante todo o itinerário percorrido neste respectivo trabalho, podemos afirmar que Emmanuel Lévinas é um dos filósofos mais importante do século XX. Seu pensamento que tanto influenciou o seu tempo, como ainda permanece influenciando trará muitos impactos quando se aborda a Ética como uma filosofia primeira. Por meio dela, haverá futuras pesquisas em diversos campos das ciências, proporcionando reflexões e até mesmo uma Metanoia. Por essa razão, fica de forma clara e objetiva que de fato só pode existir a Ética quando se existe o Outro. Não teria como saber quais comportamentos seriam morais ou não, não saberia quais atitudes iria trazer o bem ou não, afinal, é pelo totalmente “Outro”, aquele que me escapa, que pode ser defendida a grande tese de Emmanuel Lévinas, a Alteridade.

Este texto aborda o pensamento de Emmanuel Lévinas, que defende a ética como uma filosofia primeira e a alteridade como essencial para a existência da ética. Lévinas vivenciou o contexto da Segunda Guerra Mundial e sua filosofia busca superar a violência e promover a ordem social. Sua obra é influenciada por Martin Heidegger e Husserl, e destaca a responsabilidade do Eu em relação ao Outro. A filosofia levinasiana tem o poder de questionar as relações humanas de forma ética e moral, e a responsabilidade pelo outro é vista como algo metafísico e fundamental para a existência da ética.

Desta forma, vimos como a violência é vista a partir de uma expressão da negação da alteridade e da humanidade do outro. Lévinas, argumenta que a violência brota quando reduzimos o outro à nossa própria vontade, opinião, anulando sua individualidade e tratando-o como um objeto para nossos fins. Para ele, o encontro com o rosto do outro, com sua singularidade e expressão única, é o que desperta a consciência ética e nos impede de perpetuar atos violentos. O rosto do outro nos desafia a sair de nosso próprio isolamento egocêntrico e a reconhecer a humanidade compartilhada, abrindo espaço para uma relação autêntica e responsável que transcende a violência.

Lévinas também ressalta que a violência não é apenas física, mas também pode ser psicológica e ideológica. Ele critica a tendência de impor nossas visões de mundo sobre os outros, sem considerar suas próprias opiniões e experiências. Sendo assim, a ética da Alteridade, proposta por Lévinas, busca romper com esse ciclo de violência ao nos propor a acolher a diferença do outro e a tratá-lo com respeito e compreensão. Portanto, a violência, segundo ele, é a antítese da responsabilidade ética que surge do encontro genuíno com a Alteridade do outro.

Neste trabalho, não se esgotam todas as possibilidades de reflexão sobre a alteridade e a violência no pensamento do filósofo lituano francês. Daí, procuramos trazer a contribuição de



Lévinas sobre como podemos superar a violência nos tempos atuais; como poderia sanar, questionamentos estes que tentamos responder a partir da ótica de Lévinas. Ele experimentou todo o contexto de Segunda Guerra Mundial, onde de fato foi um ataque à dignidade da pessoa humana; pois queriam dominar as pessoas, seus direitos e deveres retirando os seus direitos durante aquela violenta guerra.

A filosofia levinasiana é uma ampla fonte de estudo no qual as pessoas devem aprofundar-se em seus principais temas, seja sobre a alteridade, tentando compreender o Outro, seja pela ética, metafísica, justiça, ipseidade. Enfim, Lévinas é um filósofo que se preocupa com a ordem social, e que pretende por meio de sua filosofia estudar as relações sociais, procurando a ordem. Por isso, ainda os seus pesquisadores tem muito trabalho a fazer, porque sua filosofia está longe de ser esgotada.

Verificamos também as influências filosóficas que Lévinas experimentou durante a sua vida, Martin Heidegger, ao levantar a problemática do ser; Husserl com a fenomenologia. O ser é o outro, e a fenomenologia é a relação que a alteridade coloca em prática. Outro elemento que fora exposto foi a violência do rosto, ou seja, é no encontro que se faz a alteridade e não se pode violentá-lo, pois o Eu possui uma responsabilidade.

Em suma, o pensamento levinasiano tem o poder de questionar as relações humanas de forma ética e moral. Deve existir sempre uma relação de responsabilidade pelo “Outro”, o começo da filosofia tem sua gênese no encontro, no face a face. Sendo assim, se atêm a responsabilidade pelo outro como algo metafísico; movimento de saída do ser. O outro sempre continuará sendo o Outro e por isso para Lévinas, o Outro não é outro “Eu”.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi e Ivnode Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007

ARENDT, Hannah. Religião e política. In: ARENDT, Hannah. *A dignidade da política*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1993.

BENHABIB, Seyla. *The reluctant modernism of Hannah Arendt*. London: Sage Publications, 1996.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário escolar de língua portuguesa*. São Paulo: 2005.



CHALIER, Catherine. *Lévinas: a utopia do humano*. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

KESTERING, José Carlos. *Sobre o diálogo: Introdução a uma leitura filosófica de E. Lévinas e H.U.V. Balthasar*. Campina Grande: EDUEP, 2008.

LAPARGNEUR, HUBERT; MARTINS, Rogério Jolins. *Introdução a Lévinas: pensar a ética no século XXI*. São Paulo: Paulus, 2014.

LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós*. Ensaio sobre a alteridade. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. *Ética e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. *Descobrimos a existência em Heidegger e Husserl*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

_____. *Totalidade e Infinito*. Tradução. José Pinto Ribeiro. Rev. Artur Mourão. Lisboa: Editora 70, s.d.

_____. *Violência do rosto*. Ed. Loyola. São Paulo: 2014.

LIMA VAZ, Henrique C. *Escritos de filosofia VI: Ontologia e História*. São Paulo: Loyola, 2002.

RUIZ, Castor. Alteridade, dimensão primeira do sujeito. [Entrevista concedida a] Márcia Junges. In. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos online*. São Leopoldo, RS. ed. 334, 21 Junho 2010. Disponível em: <<https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/3330-castor-ruiz-1>> Acesso: 20 Abr. 2023.

Recebido: 29-07-2025

Aceito: 09-02-2026